

UM DEBATE A RESPEITO DO CONCEITO “COMPORTAMENTO OPERANTE”: O QUE DEBATER? QUE PROCEDIMENTO UTILIZAR PARA UM EXAME CRÍTICO DESSE CONCEITO?

SÍLVIO PAULO BOTOMÉ¹

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA E
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, BRASIL

-
1. Professor Titular aposentado dos Departamentos de Psicologia das Universidades Federal de São Carlos e Federal de Santa Catarina. Pesquisador do CNPq.

O autor deste texto deve um pedido de desculpas aos demais debatedores (Filipe Lazzeri, François Tonneau, Kester Carrara, Diego Zilio, João Cláudio Todorov e Marcelo Borges Henriques) que se dispuseram a examinar possibilidades de entendimentos do conceito de comportamento operante, conforme seus textos apresentaram, no número anterior deste volume da REBAC. Havia sido entendido, por este autor, que o objetivo de tal debate era examinar diferentes possibilidades de entendimento do termo “comportamento”, particularmente aquele entendimento que foi designado durante um largo período histórico como “operante”. Tal exame, ainda no mesmo entendimento, deveria destacar possibilidades de desenvolvimento do conhecimento e de seu uso no âmbito das contribuições da Análise do Comportamento para o aprofundamento do que poderia ser considerado como desenvolvimento do entendimento do “fenômeno psicológico”. Todorov e Henriques (2013), em seus comentários a respeito do trabalho dos demais debatedores do conceito em exame, explicitam que:

Embora o contexto para este número especial da REBAC tenha sido o artigo supracitado, *Todorov (2012)*, os autores convidados parecem estar respondendo a um chamado para definir comportamento. Enquanto alguns artigos citam o trabalho apenas passageiramente, há um artigo que sequer cita a obra. Objetivando dar uma definição, cada um dos trabalhos aborda o assunto a sua maneira (p.114 – itálicos acrescentados).

Ambos consideram que o objetivo dos exames deveria ser diferente daquele que orientou pelo menos este autor a escrever algo como “o conceito de operante como problema”. Em outro trecho de seu texto, Todorov e Henriques (2013) ainda ressaltam que há pessoas que argumentam de forma semelhante ao artigo de Todorov (2012) “que deu partida a este volume especial da REBAC” (p. 118 – itálicos acrescentados). No

entendimento que orientou quem escreveu o texto (Botomé, 2013a), um dos destinatários dos comentários de Todorov e Henriques (2013), não havia adotado o objetivo indicado por esses autores, mas outro: o convite para debater problemas relacionados com o entendimento do conceito de “comportamento”, especificamente o de “comportamento operante”. Mas foi este, e apenas este, o objetivo que orientou a elaboração do texto inicial de Botomé (2013a) e dos comentários que foram feitos aos textos dos demais participantes do debate. Em nenhum momento, houve o foco no texto de Todorov (2012) nem orientação para suas “proposições” como sendo a origem do debate que seria realizado nas páginas da REBAC. Há muitos textos anteriores ao texto de Todorov que trouxeram contribuições problematizando conceitos relacionados às descobertas em torno do conceito de “operante” e estes foram mais detidamente considerados no exame apresentado por Botomé (2013a), sem desmerecer o texto de Todorov (2012).

Um debate de um conceito elaborado por cientistas e filósofos precisa considerar o que os demais profissionais do conhecimento da área levaram em conta para a construção de um conceito ao longo de muitas contribuições. Inclusive as modificações que tais conceitos sofreram com outras tantas contribuições de diferentes cientistas e filósofos dessa mesma área, pelo menos. Especificamente, ao considerar o texto inicial de Botomé (2013a) nesta REBAC, Todorov e Henriques (2013) salientam que

A insistência de *Botomé (2013a)* em revisar conceitualmente cada conceito que considera pertinente para a definição e a redundância na argumentação parece ser em resposta crítica ao artigo de Todorov (2012). Em alguns momentos, o autor transparece discordar do posicionamento de Todorov e, por isso, gasta tantas linhas com o detalhamento de termos utilizados no artigo líder (p.116 – itálicos acrescentados).

Isso reforça o entendimento de que talvez, infelizmente, este autor não esteve orientado, em seu texto, pelo objetivo que é indicado por Todorov e Henriques (2013) em texto publicado nesta REBAC. Não há outro comentário a não ser o pedido de desculpas, se for um engano, pelo exame de Botomé (2013a) estar orientado por outro objetivo, diferente do indicado por Todorov e Henriques (2013).

Também parece que Botomé (2013a), embora orientado por objetivo diferente do indicado por Todorov e Henriques (2013), tenha sido “insistente em revisão conceitual e redundante na argumentação, gastando tantas linhas com o detalhamento de termos utilizados no artigo líder” (p. 116), conforme exame de Todorov e Henriques (2013). Estes dois autores ainda destacam que...

A distinção entre ‘atividade’ e ‘comportamento’ parece repousar no pressuposto de que o comportamento não pode ser identificado independentemente, uma vez que o termo não poderá ser aplicado a menos que o vocabulário técnico comportamental seja utilizado. A atividade linguística proposta por Botomé (2013a) seria enfadonha (p.118).

O exame dos comentários de Todorov e Henriques (2013) provavelmente levaria também a um exame de termos (e seus conceitos) e estruturas de argumentos (utilizadas pelos dois autores) que dependeria de muitas linhas de texto como argumentação e provavelmente seria mais um texto “enfadonho”, pelo menos do ponto de vista desses dois interlocutores neste debate. Também em relação a isso, o autor do texto (Botomé, 2013a) ao qual se referem as observações de Todorov e Henriques (2013) pede desculpas por considerar que pelo menos a indicação dos conceitos “subsidiários” envolvidos no conceito em exame deveria ser aspecto importante para um entendimento coletivo que viabilizasse um efetivo debate destacando controvérsias de fato e evitando alguma possível perenização de confusões semânticas. O entendimento do que seria importante em um debate parece estar relacionado ao seu objetivo, o que Todorov e Henriques afirmam parecer “não ter sido entendido” pelo autor do texto (Botomé, 2013a) a que esses autores se referem:

A insistência em revisar conceitualmente cada conceito que considera pertinente para a definição e a redundância na argumentação em torno dos conceitos de comportamento, operante e contingência, parece ser em resposta crítica ao artigo de Todorov (2012). Em alguns momentos o autor transparece discordar do posicionamento de Todorov e, por isso, gasta tantas linhas com o detalhamento de termos utilizados no artigo líder” (Todorov e Henriques, 2013, p.116).

Não foi o texto de Todorov (2012), nem qualquer outro texto, em si, o objeto central de orientação para o exame feito por Botomé (2013a), mas o próprio conceito de comportamento operante e questionamentos que já surgiram muito antes na literatura e que marcaram

algumas contribuições que pareceram, para este último autor, importantes para uma melhor percepção do fenômeno “comportamento”.

Há vários “portantos” apoiados por suposições no texto de Todorov e Henriques (2013) em relação ao que Botomé (2013a) estava considerando em diferentes partes de seu trabalho. Talvez por haver percepção ou escolha de diferentes objetivos para examinar o que foi escrito pelos autores dos vários textos neste debate promovido pela REBAC. O exame sob o título “o conceito de operante como problema” não foi escrito com o objetivo de examinar, criticar, enaltecer ou diminuir o artigo de Todorov de 2012. Tal exame estava orientado pela mesma preocupação que havia na elaboração dos textos de Botomé (1980, 2001), anteriores ao texto escrito por Todorov em 2012: uma integração de contribuições progressivamente problematizadoras a partir do conceito de “operante” apresentado por Skinner na gênese de seu trabalho em *Análise Experimental do Comportamento*. Aliás, as citações (autocitações, conforme destacam Todorov & Henriques, 2013) foram feitas como indicação de contribuições de diferentes autores que estão examinadas nos textos de Botomé (1980, 1981), citados. Não são citações de afirmações anteriores do autor. São indicações de contribuições de diferentes autores já feitas há mais de trinta anos, registradas em texto do mesmo autor. Estão citadas justamente para não repeti-las e ser “enfadonho”. É diferente “citar-se como referência de autoridade” (como o fazem Todorov & Henriques quando citam Todorov, 2012) e “fazer a indicação de uma fonte em que já está feito um exame” que não caberia nos limites de um texto com os objetivos que tinham sido considerados na redação do texto de Botomé (2013a) para este debate na REBAC, com o intuito de evitar o risco de mais enumerações de aspectos que faria o texto ser ainda mais “enfadonho”.

Não parece valer a pena correr o risco de continuar um debate sob a orientação de um objetivo que não está sendo considerado como tal pelos interlocutores, na hipótese de que houvesse outro objetivo para orientar o debate conforme Todorov e Henriques (2013) insistem em indicar. Menos ainda vale a pena com o decorrente risco de ser “enfadonho por estender por várias páginas um minucioso exame”, conforme consideram os dois autores (Todorov & Henriques, 2013). Nem parece ser útil ou benéfico prolongar um exame e uma argumentação com entendimentos diversos para os objetivos e para a necessidade de exame de conceitos subsidiários. Um prolongamento que poderia levar a mais confusão semântica do que a controvérsias sólidas em função de orientações diversas para o que está sendo feito e pelo que seria um “enfadonho exame de conceitos” que não estão sendo considerados da mesma forma por todos os autores no debate relativo ao conceito de comportamento operante em curso.

No entendimento deste autor, depreciar o interlocutor ou seus argumentos não é o mesmo que demonstrar que ele está equivocado. Manter um debate sem considerar isso parece desmerecer os colegas que dele participam e a própria *Análise do Comportamento*

que está na origem desse conceito, o de “comportamento operante”. Seja qual for o entendimento que foi extraído de sua história de desenvolvimento, assim como daqueles que são conceitos “subsidiários” (utilizando uma expressão de Carrara & Zilio, 2013a) e que podem exigir um demorado ou minucioso exame que, no contexto deste debate, pode parecer “enfadonho”.

Não parece haver sentido algum em prosseguir um debate com um objetivo que pode ter constituído uma diferença na interpretação das finalidades e regras para este debate, uma vez que os objetivos destacados por Todorov e Henriques (2013) orientam para outro foco. Uma retomada de aspectos a considerar para encontrar uma direção comum tornar-se-ia algo “enfadonho”. Nisso, pelo menos, há concordância com Todorov e Henriques (2013). E, sendo assim, parece irrelevante um novo texto para retomar o debate. De qualquer forma, é importante desejar aos demais colegas do debate em curso que encontrem algum aspecto como possível contribuição no que foi escrito por Botomé (2013a e 2013b), apesar de lhe terem sido atribuídos equívocos no entendimento dos objetivos deste debate. Assim como encontrar alguma utilidade no que foi considerado enfadonho como indicação de conceitos subsidiários – talvez ingenuamente tratados como – necessários para algum tipo de entendimento comum para contribuir com os diferentes exames dos autores.

Para a consideração de Lazzeri (2013b) em relação ao conceito de operante ser “demasiado restritivo” e não atender a um dos quesitos para uma boa conceituação apresentados por ele, é, em parte, algo com que este autor concorda. É razoável. Resta considerar que o “razoável” não é uma desconsideração a seu exame ou crítica. A palavra destaca que Lazzeri (2013b) tem razão, mas ainda seria útil considerar que o conceito de comportamento operante é, por si mesmo, uma restrição em relação ao conceito genérico de comportamento. Isso localizaria talvez de uma forma melhor a dissensão entre os dois autores. O problema está no *grau de restrição* que um conceito exige. Ao dizer que o conceito não deveria ser amplo demais, nem restrito demais, Lazzeri (2013a, 2013b) está, simultaneamente, indicando que deve haver, em cada caso, algum critério para estabelecer quais graus de abrangência seriam demasiado em alguma direção? Em qualquer resposta a esta pergunta, há uma concordância com sua consideração: em relação ao conceito genérico de comportamento, o conceito em exame foi mais restrito, embora não fique claro, neste caso, se a restrição seria, efetivamente, demasiada. Mas, resta avaliar quão restrito tal grau de conceituação foi e se inadequado nessa condição. De qualquer forma, a contribuição do exame de Lazzeri (2013b) precisa ser sempre considerada. Afinal qualquer gradiente, nesse caso, pode ter graus inadequados de restrição ou amplitude. E isso precisa ficar sempre suficientemente esclarecido para evidenciar no que está a controvérsia entre os dois exames e entendimentos da amplitude de cada conceito: comportamento e comportamento operante.

Tonneau (2013b) discorda de que possa ser dito, em termos globais, que a análise do comportamento tenha muitas contribuições ou tenha tido êxito científico tão amplo ou duradouro. Por exemplo, o comportamento ter sido examinado em tipos, extensão e profundidade no quadro teórico proposto por Skinner, não é uma afirmação com que Tonneau (2013b) concorda totalmente. E ele tem razão. As descobertas e contribuições de Skinner, em particular o conceito de comportamento operante, têm sido examinadas com muitas outras contribuições que delimitaram melhor os contornos de tal conceito e seu papel no desenvolvimento da Psicologia. Resta, ainda, continuar tal exame e avaliar melhor qual a acessibilidade e a sistematização dessa produção – muito mais ampla do que o laboratório de pesquisa básica – e as próprias controvérsias (além dos problemas) nos conceitos básicos existentes no âmbito de tal conhecimento. Talvez haja diferentes concepções e amplitudes dessa restrição em função das fontes que forem utilizadas para avaliar tais contribuições. Há muitos tipos de críticas e de entendimento de termos e conceitos utilizados – alguns como pressupostos – no exame desse conceito.

De qualquer forma, o alerta de Tonneau (2013b) é algo a ter sempre presente: não se trata de fazer com que as contribuições de Skinner se transformem em uma “seita”, levando à criação de várias outras com diferentes “bispos” e diferentes “bíblis” a serem repetidas e adotadas. Com a tendência a serem mais absolutas e difundidas com a disponibilidade dos meios eletrônicos para uso pessoal e, muitas vezes, auto-promocional. E, em muitos casos, sem considerar suficientemente as limitações, potencialidades ou controvérsias existentes em relação às afirmações que difundem ou contém. Não parece benéfico, ou científica e filosoficamente apropriado, que os conceitos sejam utilizados como “conceitos-fetichê” a afastar as críticas e questionamentos, nem que as técnicas de trabalho derivadas desses conceitos sejam usadas como se fossem “persignaões” que afastam (reduzem, eliminam, excluem, descaracterizam ou desvalorizam) a “ameaça” de discordâncias ou controvérsias. Isso tudo pode acontecer circunstancialmente, mas não constitui o núcleo das contribuições reunidas sob a denominação de Análise do Comportamento, particularmente aquelas relativas ao conceito de “comportamento operante”. Tonneau (2013b) – é importante destacar – chama a atenção para a não absolutização (ou “sacralização”, ou “satanização”) de algum momento ou tipo de contribuição de Skinner datada e localizada em determinado estágio do desenvolvimento da Análise do Comportamento, principalmente não apenas das pesquisas de laboratório que buscavam testar, verificar e demonstrar o que havia de consistente com o que era descoberto a cada época ou circunstância.

Carrara e Zilio (2013b) questionam o exame (talvez minimizado) do conceito de comportamento reflexo no texto de Botomé (2013a) a respeito do conceito de comportamento operante como problema. Esses dois autores têm razão. Isso pode parecer desconsiderado no

texto de Botomé. Só há um atenuante: o foco era o conceito de operante (pós conceito de “reflexo”) e os limites do texto e dos objetivos – como o autor os entendeu – limitavam a abrangência e até a possibilidade de aprofundamento. Pelo menos, considerando a quantidade de conceitos e descobertas específicas que levaram a questionar, progressivamente, os limites e entendimento de muitos conceitos que tinham um “status” na gênese dos trabalhos que ficaram conhecidos como Análise Experimental do Comportamento. Esta expressão, também ela um conceito, utilizada no texto apresentado por Botomé (2013a), é entendida com muitas - e talvez importantes - controvérsias que precisam ser examinadas como qualquer contribuição, mesmo que não seja oportuna ou suficientemente fundamentada.

Qualquer processo comportamental de um organismo pode ser examinado em seus componentes neurológicos, bioquímicos, fisiológicos, físicos ou sociais, políticos, éticos etc. A microscopia de cada exame é circunstancial (como é a deste debate). Houve tempo em que o “arco-reflexo” era a tônica para entender ou identificar e analisar as “respostas reflexas”. Isso diminuiu ao longo das décadas finais do século XX, mas apenas por uma ênfase de investimento no exame do conceito de “operante”. O que acontece em um âmbito fisiológico, muito frequentemente, é diretamente relacionado ou relacionável com elos de uma cadeia comportamental na qual “estados corporais” e “percepção” dos mesmos pelo organismo (no corpo, na pele ou sob a pele, utilizando, de maneira genérica, a contribuição de Tonneau, 2013a), podem ter um papel relevante. Um evento pode desencadear uma reação (e se isso ocorrer, o evento poderá ser considerado “um estímulo”) no próprio corpo de um organismo e tal reação poderá constituir, por exemplo, algo aversivo (outro evento) do qual o organismo fugirá de alguma forma, com qualquer atividade, que poderá ser uma “resposta”, a partir do momento em que ocorrer e for relacionada a algum evento antecedente ou consequente a tal atividade. Mais ainda será uma “resposta” se, efetivamente, eliminar ou reduzir a condição aversiva no próprio corpo do organismo. Nessa perspectiva, seria benéfico e elucidativo examinar com a profundidade necessária as interações entre “a parte respondente” e “a parte operante” de qualquer comportamento de organismos vivos. Mas isso, embora útil e necessário, seria outro debate e outra revisão conceitual. Em vários momentos, em um dos textos que deram início a este debate, Botomé (2013a) usou expressões que subentendiam que um comportamento operante, de certa forma, tem integrada uma parte “reflexa”, ou pelo menos eminentemente biológica (o substrato do organismo, incluindo suas características geneticamente induzidas) em função de como os aspectos do ambiente atingem um organismo e o que faz acontecer nele (sob a pele ou nela, novamente empregando uma contribuição de Tonneau, 2013a). O que inclusive pode, progressivamente, desenvolver-se ou alterar-se por indução, produção ou decorrência do que ocorre subsequentemente a atividades desse organismo

que, também progressivamente, podem se tornar “respostas” de uma classe, conjunto ou tipo.

O questionamento de Carrara e Zilio (2013b) é importante de qualquer forma. E, saliente-se, exigiria um trabalho extenso, com a necessária inclusão de muitos conceitos e dados já existentes de mais áreas do que a Psicologia, além do conceito de “reflexo” e haveria o risco, ainda maior, de não atender ao objetivo, indicado por Todorov e Henriques (2013), como sendo o desejável para este debate. O questionamento de Carrara e Zilio é acolhido já no título do exame feito no texto de Botomé (2013a): “o conceito de operante como problema”. Retomar o exame e fazer o necessário aprofundamento que o questionamento de Carrara e Zilio exige levaria a um trabalho (e a um texto) que poderia ser considerado, neste contexto, ainda mais “enfadonho” do que já o foi com o exame de Botomé (2013a), conforme indicaram Todorov e Henriques (2013).

Provavelmente, a história de desenvolvimento da Análise do Comportamento poderá possibilitar esse debate em um futuro qualquer. A não ser que proliferem “seitas” fundamentalistas a indicar que só se forem usados os conceitos já consagrados (ou “em voga” – e quais seriam?) será possível haver algum debate ou exame promissores. O behaviorismo radical, dessa forma, correria o risco de ser radical em um sentido de “extremado” e não no sentido de “com foco no fenômeno central de cujo estudo se ocupa a área de conhecimento”, conforme distinção feita no exame de Carrara e Strapasson (2014).

Talvez seja possível aos participantes e à coordenação deste debate promovido pela REBAC desculparem a ignorância deste autor em relação aos objetivos do debate, destacados por Todorov e Henriques (2013) e pela “enfadonha” extensão de seus textos como limitada contribuição para tais objetivos. É lastimável que o autor não tenha atendido aos objetivos indicados por Todorov e Henriques (2013) de exame do “texto líder”, nem aos objetivos de debater suas contribuições. O entendimento foi outro e o exame de Botomé (2013a) se dispersou (?) por contribuições de vários autores que escreveram ao longo de algumas décadas. É, vale reiterar, lastimável não haver possibilidade de examinar as prováveis avaliações, embora fosse um exame “enfadonho”, dos muitos conceitos subsidiários. Mesmo assim, parece útil reiterar, se tais conceitos não forem examinados, ainda há o risco de haver uma repetição sem fim daquilo que já se tornou uma “prática verbal difundida”. Esta sim, pode ser considerada “em voga” no meio acadêmico e no entendimento mais geral a respeito das contribuições, nem sempre assim valorizadas, da Análise do Comportamento. Com o risco de o futuro da mesma ser controlado por sectarismos fundamentalistas, garantidos por aprovação, aceitação, omissão, exclusão, extinção, punição ou coerção de qualquer tipo, escamoteando questionamentos ou discordâncias por diferentes exames ou considerações, sob a “égide” de que, tais exames ou questionamentos, afrontariam a “cultura” (ou as “práticas”) dos que estão abrigados sob a

denominação de “analistas de comportamento” ou de “behavioristas radicais”.

Para finalizar, o agradecimento à Coordenação deste debate e aos colegas que tiveram a paciência de dedicar-se por prováveis muitas horas na leitura, no estudo, exame e redação de contribuições, sendo generosamente dedicados, pacientes e respeitosos, em relação aos textos construídos como forma de participar deste debate.

REFERÊNCIAS

- Botomé, S. P. (1980). *Objetivos comportamentais no ensino: a contribuição da Análise Experimental do Comportamento* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Botomé, S. P. (2001). Sobre a noção de comportamento. Em H. P. de M. Feltes, & U. Zilles. *Filosofia: diálogo de horizontes*. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre e Caxias do Sul (RS): Editora da Universidade de Caxias do Sul.
- Botomé, S. P. (2013a). O conceito de comportamento operante como problema. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 19-46.
- Botomé, S. P. (2013b). O que significa “operar no ambiente”? *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 79-98.
- Carrara, K., & Strapasson, B. (2014). Em que sentido(s) é radical o Behaviorismo Radical? *Acta Comportamentalia*, 22, 101-115.
- Carrara, K., & Zilio, D. (2013a). O comportamento diante do paradigma behaviorista radical. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 1-18.
- Carrara, K., & Zilio, D. (2013b). Abordagens ao conceito de comportamento: 1) o operante como problema; 2) a pele como fronteira; 3) um estudo sobre definições; 4) efeitos e consequências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(2), 99-106.
- Lazzeri, F. (2013a). Um estudo sobre definições de comportamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 47-65.
- Lazzeri, F. (2013b). Sobre o conceito de comportamento: alguns breves comentários. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(2), 107-112.
- Todorov, J. C. (2012). Sobre uma definição de comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 3, 32-37.
- Todorov, J. C., & Henriques, M. B. (2013). Porque o termo operante não é sinônimo de comportamento: comentários. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(2), 113-121.
- Tonneau, F. (2013a). Behavior and the skin. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 66-73.
- Tonneau, F. (2013b). Comentários sobre o conceito de comportamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(2), 121-123.